

## BRINQUEDO NADA INOCENTE: as práticas de meninos e meninas relato de experiência docente

*Flávio Nunes dos Santos Júnior<sup>23</sup>*

Este presente trabalho foi realizado numa escola pública, localizada em Parque Ligia, distrito Capão Redondo. A unidade oferece o Ensino Fundamental I e II nas modalidades regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Construída em 2002 a escola dispõe de pouco espaço externo para desenvolvimento das aulas, a quadra disponível é do tamanho de uma quadra oficial de voleibol, quando as aulas ocorrem no pátio alguns colegas relatam que o barulho os incomoda e conseqüentemente atrapalha sua aula. Dentro desse cenário, a experiência pedagógica foi desenvolvida com os estudantes do 3º ano C, nas aulas de Educação Física.

A turma envolvida vinha recebendo inúmeros adjetivos que a desqualificavam por conta do comportamento e desenvolvimento de alguns estudantes. Isso se espalhou pela unidade, despertando pouco interesse nos docentes em lecionar ao grupo. Contudo o professor que assumisse a turma já estava ciente das condições e situações que o aguardava.

Nesse ensejo, iniciamos o ano realizando o mapeamento das atividades vivenciadas pela turma em outros anos dentro da unidade e as práticas costumeiras realizadas fora do ambiente escolar. No primeiro, curiosamente, verifiquei a presença do brinquedo na agenda semanal, isto é, toda sexta feira era considerada "o dia do brinquedo". No segundo, as brincadeiras tomavam a maior parte do tempo, sendo desenvolvidas na rua e no quintal de casa. Observando essa prática decidi tematizar os brinquedos dentro das aulas de Educação Física, assim rompendo com práticas puramente motoras ou esportivas.

Dessa maneira, dando sério tratamento pedagógico ao tema, pois Neira e Nunes (2008) apontam que o currículo tem privilegiado práticas do hemisfério norte e com fortes raízes cristãs e masculinas, mas quando agrega ao currículo manifestações culturais advindas de outros grupos alocam-na num espaço de "perfumaria", isto é, um projeto à parte, exótico, que acaba não recebendo o tratamento semelhante às modalidades daqueles lugares, assim, constituindo uma visão turística do currículo.

Encaminhando o trabalho, solicitei a todos para que levassem brinquedos na aula seguinte. Chegado o dia, nos dirigimos ao espaço externo atrás da escola.

<sup>23</sup> Professor da EMEF Maria Rita de Cássia Pinheiro Simões Braga e membro do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar da FEUSP - <www.gpeffe.usp.br>

Um lugar dividido em duas partes: uma cercada por telas na lateral e em cima, tendo algumas demarcações no chão; outra descoberta, sem telas laterais e nem demarcações, apenas banco, utilizado muito para acomodação de mochilas, perfazendo uma área reduzida em relação a primeira. Surpreendentemente, houve ocupação e determinação de uso dos espaços entre eles. Os meninos ficaram do lado com melhor estrutura utilizando bola, enquanto as meninas ocuparam o lado oposto juntamente com alguns meninos descontentes em vivenciar naquele momento atividades com bola. Estabelecida a divisão, ficou decidido que em nenhum momento elas poderiam transitar naquele espaço para não atrapalhar a prática deles.

Essas condições foram preestabelecidas dentro das aulas em anos anteriores. Discordando dessa dinâmica, verifiquei a necessidade de desarticular tal configuração. Após conhecer um pouco as características da turma, realizei a seleção das expectativas de aprendizagem, com auxílio da professora titular, para estruturar o projeto. Segue quadro com as expectativas selecionadas:

- ✓ Elaborar formas de registro a partir das vivências (desenho, escrita, relato oral, fotografia);
- ✓ Respeitar o direito de expressão dos colegas;
- ✓ Posicionar-se criticamente nas diversas formas de brincar;
- ✓ Explicar e demonstrar as vivências de utilização dos brinquedos no contexto familiar e adaptá-las às condições do grupo;
- ✓ Identificar as características do brincar com os brinquedos;

Figura 1: Lista de brinquedos

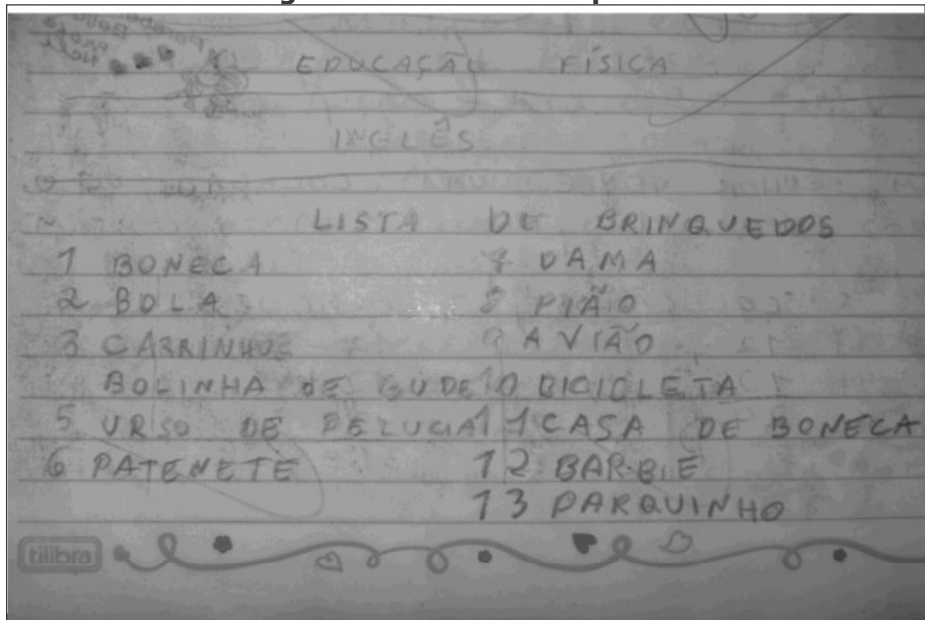
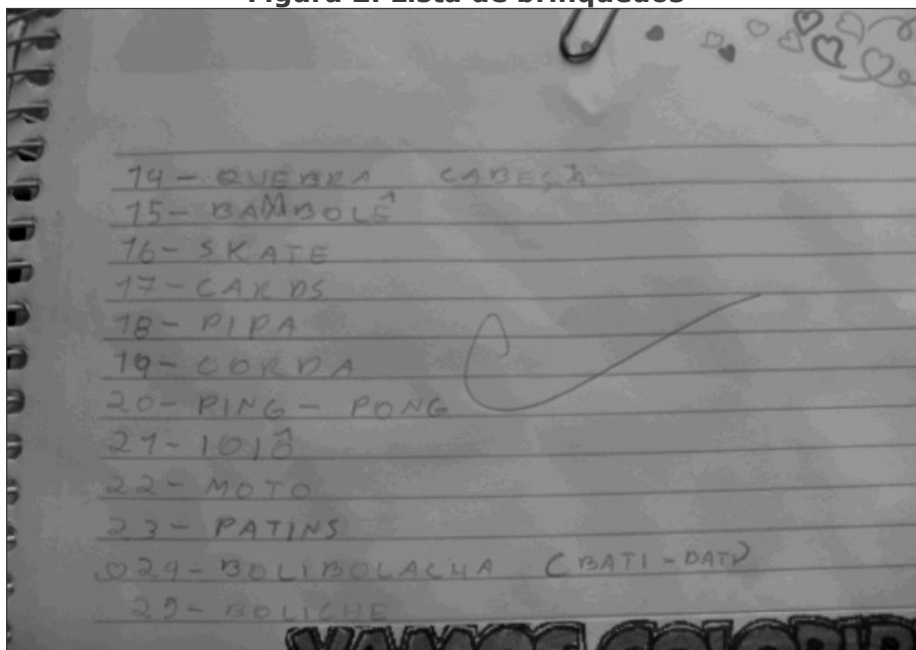


Figura 2: Lista de brinquedos



Após discutir com a professora titular sobre as práticas, decidimos tematizar as brincadeiras a partir dos brinquedos valorizados por meninos e meninas, a fim

de desmistificar os discursos dominantes que se revelam por trás desses objetos supostamente inocentes. Isso, subsidiado pelas orientações de Neira e Nunes

(2009) que advogam pela interpretação dos códigos implícitos e explícitos veiculados pelas manifestações corporais, transformando em atividades de ensino a leitura e experimentação desses textos e sua eventual interpretação. Assim, possibilitará aos alunos o acesso a informações e análises a partir dos próprios referenciais e experiências, proporcionando um aprofundamento na compreensão do patrimônio cultural e das características de seus representantes.

Saindo das quatro paredes para produção das vivências com os brinquedos, os estudantes com posse de seu brinquedo, se agruparam para troca de experiências. Curiosamente, as meninas se ocuparam com os bambolês, bonecas e colchonetes, por sua vez, os meninos com bola e bonecos. Sem nenhuma novidade, a bola foi palco da produção do futebol.

Inicialmente surgiram situações curiosas nas práticas com bolas, os meninos resistiam muito em deixar as meninas participarem, alguns diziam – *“Professor, as meninas estão atrapalhando, pede para elas ficarem do outro lado brincando com as bonecas”*. Incomodado com isso, reuni-los para discutir o uso do espaço e de material. Uma grande oportunidade para tessitura de negociação<sup>24</sup> em torno da significação. As meninas contra argumentaram *“a gente quer jogar também”*, *“eles não deixam”*. Confrontados os posicionamentos, ficou decidido que a exclusividade de

participação não caberia na atividade, e ambos – meninos e meninas – teriam, sim, capacidade de jogar bola juntos. Alguns até defenderam a presença delas citando a jogadora Marta como exemplo da participação feminina no futebol.

Ainda mapeando os discursos e as práticas desenvolvidas pela turma, foi possível identificar o efeito do debate anterior, algumas garotas começaram a se envolver com os meninos nas brincadeiras com bolas. Começara aí, a desestabilização das estruturas, pois até o presente momento aparentava ser um território exclusivamente masculino.

Outro fato marcante eram as corriqueiras agressões produzidas pelos meninos, todo conflito surgido a principal ferramenta de solução era o uso da força física, não havia busca de diálogo e nem ao docente. Incomodado com a forma para resolver os entraves, realizamos discussão para minimizar as agressões, opinando sobre o assunto, a turma considerou necessário incrementar regras durante as atividades com bola, pois as brigas surgiam quando alguém era chutado pelo colega durante a tentativa de pegar a bola, então acharam melhor a bola recomeçar com o participante agredido toda vez que isso acontecesse.

Observando os efeitos desses debates, foi possível identificar uma grande mudança de postura nas atividades com bola, curiosamente, na maioria das vezes, os conflitos passaram a ser resolvidos em meio às conversas e a participação das meninas continuou da mesma forma, isto é,

24 Quando as atividades pedagógicas que configuram o currículo recorrem ao diálogo, e não à tolerância, para desconstruir as representações dominantes e construir outras, contribuem para uma melhor compreensão do processo de construção da representação dominante e com isso transformam tanto os estudantes quanto o sentido da representação.

ao lado dos meninos dentro do mesmo espaço.

Na busca por novas identificações desenvolvemos a prática seguinte dentro da sala de aula. Agora com os brinquedos acumulados na U. E. (unidade de ensino), afastamos as carteiras, formamos um círculo, colocamos a sacola de brinquedos no centro e iniciamos a discussão para definir como poderíamos organizar uma escolha segura e tranquila, pois o material encontrava-se num saco plástico. Houve várias sugestões, mas a de melhor aceitação do grupo foi o critério de ordem alfabética, sendo assim, cada um pegou o brinquedo de acordo com seu gosto e ficou num espaço da sala que achou mais conveniente.

Acompanhado da professora, passei pelos grupos formados e problematizamos os critérios adotados por cada um para escolha do brinquedo preferido, as características dos brinquedos e os discursos por de trás das brincadeiras de meninos e meninas. Neira e Nunes (2009) nos alerta para o exame de outros espaços de pedagogia cultural além da escola. A mídia, por exemplo, configura-se como um currículo (local de aprendizagem), cujas finalidades não são educacionais, mas comerciais.

Sendo assim, após diálogo com os estudantes, percebemos que a escolha foi influenciada pelas experiências obtidas em casa, no convívio com a família e nos canais de televisão acessados, já que alguns brinquedos representavam os personagens de desenho animado. Agora o que ficou mais forte nas falas foi o posicionamento de homem e mulher, por unanimidade, o envolvimento nas brincadeiras com bonecas

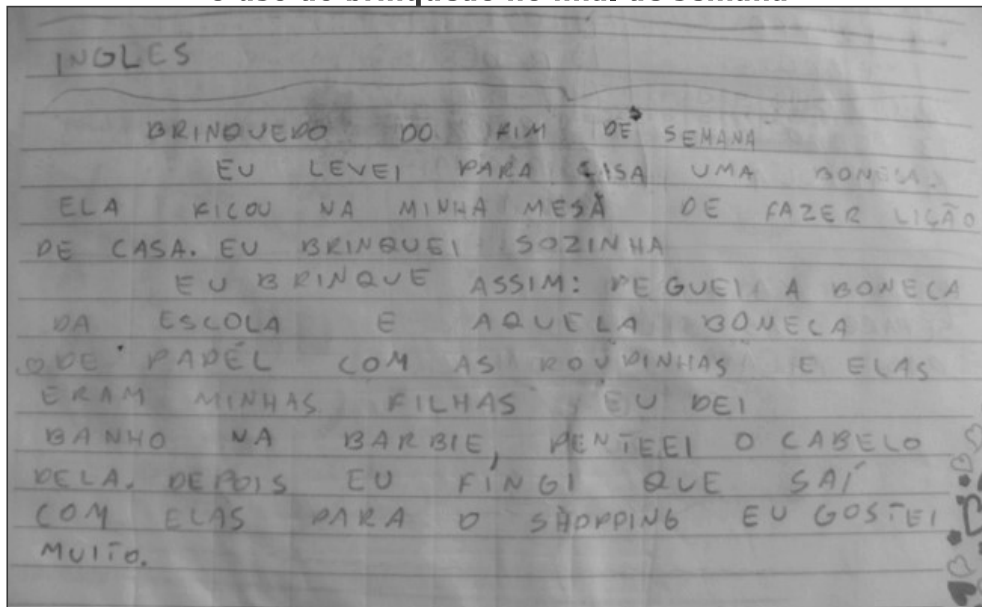
foram pelas meninas. Porém, observamos a integração de alguns meninos nas brincadeiras de cozinheira, fantasiavam-nos como clientes do restaurante comandados pelas meninas.

Ainda mapeando os discursos e as práticas desenvolvidas pela turma, observei o surgimento de novas ações, algumas garotas se envolviam com os meninos nas brincadeiras com bolas, isso gerou estranheza, pois até o presente momento aparentava ser um território exclusivamente masculino. Outro fato, esse intrigante, eram as corriqueiras agressões produzidas pelos meninos, todo conflito surgido procurava-se solucioná-lo pela força física, não havia uso do diálogo e nem busca ao docente.

Após discutir com a professora titular sobre as práticas, decidimos tematizar<sup>25</sup> os brinquedos da lista, a fim de desmistificar os discursos dominantes que se revelam por de trás desses objetos supostamente inocentes. Isso, subsidiado pelas orientações de Neira e Nunes (2009) que advogam pela interpretação dos códigos implícitos e explícitos veiculados pelas manifestações corporais, transformando em atividades de ensino a leitura e experimentação desses textos e sua eventual interpretação. Assim possibilitará aos alunos o acesso a informações

25 Tematizar significa abordar algumas das infinitas possibilidades que podem emergir das leituras que alunos e professor realizam de uma determinada prática corporal. Implica identificar as conexões entre o objeto de estudo e acontecimentos culturais e políticos.

**Figura 3: Texto produzido coletivamente sobre o uso do brinquedo no final de semana**



e análises a partir dos próprios referenciais e experiências, proporcionando um aprofundamento na compreensão do patrimônio cultural e das características de seus representantes.

A professora, verificando a dificuldade em produzir escrita alfabética, desenvolveu atividade utilizando os brinquedos. Os estudantes levavam-no pra casa na sexta feira para brincar ou até mesmo para não fazer nada, mas na terça feira da semana seguinte, este estudante juntamente com os demais da turma e mediação docente, construía relato escrito referente ao uso ou tratamento dado ao brinquedo no final de semana.

Observando outra prática, discutimos sobre os discursos que cercam as brincadeiras com bonecos, surgiu a iniciativa de assistir

ao filme "Gigantes de aço", pois a presença de lutinhas com esse brinquedo permeava fortemente as práticas, algumas vezes surgiam encenações corporais representando os gestos dos próprios bonecos. Então a assistência do vídeo poderia instigar novas interpretações e significações sobre a produção das lutas.

O longa apresenta a seguinte história: em um futuro próximo, Charlie Kenton é um ex-lutador de boxe frustrado após o esporte se tornar uma modalidade de alta-tecnologia, sendo comandado por robôs altamente desenvolvidos. Ele abandona a profissão e começa a viver de pequenas lutas com robôs feitos com restos do ferro velho. Quando sua vida parece ter encerrado, ele se reúne com seu filho Max Kenton (Dakota Goyo) para uma última

tentativa de se tornar um vencedor com um robô desacreditado e descobrem o verdadeiro significado do amor entre pai e filho.

Após a visualização do filme desenvolvemos uma discussão sobre o que foi assistido seguido de uma nova prática. Desenvolvemos o debate perguntando aos estudantes o que identificaram de mais interessante, retrataram as opiniões da seguinte maneira: *"As lutas dos robôs são da hora"*; *"É verdade, parece a que eu faço"*; *"Eles apostavam muito dinheiro"*, *"O modo sombra é o mais legal"*; *"O menino não gostava do pai no começo"*.

Dentro da prática, puderam ressignificar<sup>26</sup> os movimentos produzidos nas brincadeiras com bonecos, ou seja, os/as puderam reconstruir suas experiências conforme seu próprio ponto de vista dando outros significados ou atribuindo-lhes características próprias.

Aprofundando<sup>27</sup> a leitura em relação às características dos brinquedos, fortalecendo a construção e divulgação de conhecimento entre estudantes, os discentes da 5ª série B realizaram apresentação de um tema espinhoso: preconceito racial. Estruturada no texto "Não julgue pela

cor" do livro *Racismo é o Ó*. Obra produzida pelo professor Fábio de língua portuguesa da Escola Estadual Francisco de Paula, próxima à nossa EMEF. Finalizada a encenação, fizemos uma roda para discutir a hegemonia branca nas bonecas e bonecos. A discussão foi intensa, os apelidos com caráter de subjugação do negro entraram em cena, um dos estudantes se retirou do debate, pois pertencente ao protestantismo se sentiu incomodado ao ouvir o significado de macumba, proferindo frases da seguinte ordem: *"sai, queima no fogo do inferno"*, *"Jesus tem poder"*. O termo macumba pipocou na conversa quando um dos estudantes alegou ter sido chamado pelo colega de outra turma de "nego da macumba".

Após abordar questões raciais, mergulhamos na relação de gênero, pois os meninos resistiam em produzir comidas, deixando a tarefa às meninas, ficando apenas com a parte da degustação. Então, salientamos como as responsabilidades maternas são representadas desde a infância dentro das brincadeiras de bonecas e ou comidinhas. Explicando a configuração das atividades, as meninas expuseram os cuidados desenvolvidos: *"A gente faz de conta que dar banho"*; *"A gente brinca de comidinha"*; *"trocar roupinha"*; *"dar de mamar"*; *"Lavar louça"*. Perguntei se havia algum problema homem cozinhar, demonstraram certa intriga com a pergunta, citaram a ação do pai em casa no preparo de alimentos, mas sentem-se incomodados em participar da brincadeira.

26 Diante das condições que diferenciam a prática social da manifestação no seu locus original e a realidade escolar (número de alunos, espaço, tempo, material disponível etc.), os docentes estimulam o grupo a elaborar novas formas de praticar o esporte, lutar, brincar, dançar e fazer ginástica, com a intenção de facilitar a compreensão da plasticidade da cultura e do processo de transformação vivido por quase todos os produtos culturais (NEIRA, 2011).

27 Aprofundar significa conhecer melhor a manifestação corporal objeto de estudo (NEIRA, 2011).

Agora apoiados por imagens e bonecos trazidos pelos estudantes, discutimos novas leituras sobre as características dos bonecos e bonecas impostas pelo mercado cultural. Percebemos que a maioria representa pessoas brancas com corpos musculosos, traços marcantes da colônia europeia. Deixando esquecidos outros grupos: magro, obeso, negro, baixo, deficiente. Sendo assim, sentimos a necessidade de divulgar no

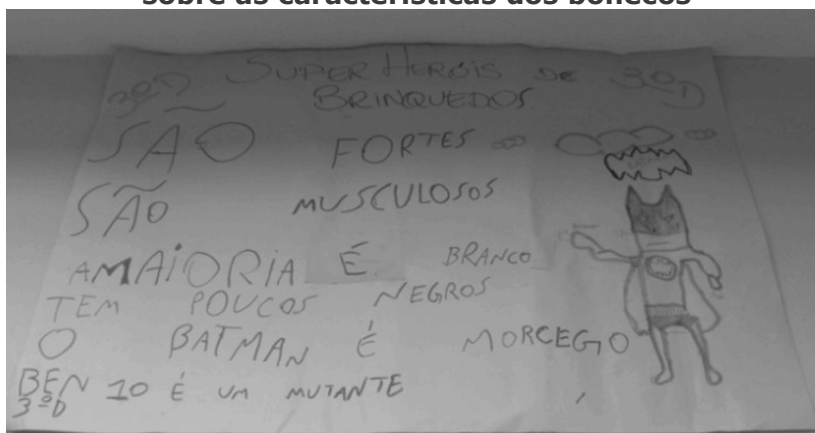
interior da escola, por meio de cartazes, tais informações, bem como, produzir desenhos representando pessoas pertencentes aos grupos subjugados.

Estendendo a análise, a professora desenvolveu com a turma uma produção textual sobre as práticas produzidas com os bonecos. Conforme os estudantes expuseram o formato da brincadeira, a docente transcrevia as orientações na lousa.

**Figura 4: desenho de boneca negra e deficiente visual**



**Figura 5: Cartaz produzido pelos estudantes sobre as características dos bonecos**





Ampliando as discussões relacionadas às visões masculinas sobre as práticas e comportamentos femininos e vice-versa, desenvolvemos a leitura do livro "Masculino de menino e feminina de menina". A obra aborda as representações de meninas sobre os meninos e vice-versa. Para facilitar a compreensão por parte dos estudantes, a professora realizava a fala das meninas, enquanto eu reproduzia a dos meninos. Após a leitura, os estudantes foram perguntados sobre o que achavam, alguns expressaram ter gostado, pois tinham passado por situações parecidas com as retratadas dentro da história.

A fim de subsidiar novas leituras sobre as questões anteriores e ampliar o conhecimento alusivo às práticas de meninos e meninas, assistimos ao filme 4 da Turma da Mônica. O vídeo aborda o tema meninos e meninas, apresentando as brincadeiras que as meninas Mônica e Magali adoram fazer sendo vivenciadas pelos meninos Cascão e Cebolinha.

Após a leitura do livro e assistência do vídeo a professora retomou o processo de escrita, desenvolvendo junto com os estudantes uma lista contendo as características dos meninos e das meninas abordadas na primeira experiência, já a segunda possibilitou o rompimento na divisão de brincadeiras postas como exclusivas de meninos ou de meninas, porque apresentava a participação de garotos no desenvolvimento de atividades tidas como femininas.

Finalizando o projeto surgiu a ideia de gravar vídeos

com depoimento dos estudantes a fim de verificar as possíveis adoções de novas ideias. Os depoentes foram escolhidos aleatoriamente para gravação. Durante a conversa, podemos perceber a mudança no discurso de alguns estudantes sobre as práticas que envolvem brinquedo. No início do trabalho se acreditava que a participação nas brincadeiras com bonecas era exclusividade das meninas, conforme as problematizações foram ocorrendo puderam perceber as ações desenvolvidas pelas colegas durante as aulas sendo desempenhadas em casa pelo pai. Isso promoveu o rompimento com o discurso inicial, quando os garotos envolvidos em tais práticas eram taxados de "gay", "veado" e "bicha".

Ampliando ainda mais as informações alusivas aos brinquedos percebemos também os padrões de sujeitos (homem e mulher) representados pelo mercado de bonecos e bonecas. A maioria das bonecas representa o padrão europeu: mulher, magra, branca, alta e cabelos longo e liso, bem como, os bonecos idealizam o homem, musculoso, magro e branco. Esta ação da indústria cultural causa certo desconforto em muitos, pois nenhum estudante se sentiu representado, grande parte deles e seus familiares fogem dos padrões tidos como ideais.

Após a gravação, desenvolvemos a assistência dos vídeos com a turma toda. O momento foi interessante, pois os estudantes sentiram a valorização

de suas vozes, possibilitando o aprendizado entre eles, já que neste caso quem estava na tela era o colega dando depoimento sobre a temática desenvolvida.

Contudo, o caminho percorrido durante da execução do projeto nos levou ao alcance das expectativas de aprendizagem pré-selecionadas. Sabemos que os estudantes (meninos) não iriam ao final do ano pedir uma boneca de presente aos pais, do mesmo modo que, as meninas não iriam solicitar carrinhos e bonecos. Porém, o projeto proporcionou a desconstrução dos discursos permeados nesses objetos tanto queridos pelas crianças. Dizer que todos mudaram de opinião seria leviano da nossa parte, mas houve mudança no comportamento e maneira de ver as práticas desenvolvidas pelo gênero oposto, pois reconheceram as mesmas atividades das brincadeiras sendo desempenhadas por adultos em outros ambientes e situações.

## REFERÊNCIAS

NEIRA, Marcos G. **Educação Física: a reflexão e a prática no ensino**. São Paulo, SP: Blucher, 2011.

NEIRA, M. G; NUNES, M L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009

NEIRA, M. G; NUNES, M L. F. **Praticando estudos culturais na educação física**. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2009.

NEIRA, M. G; NUNES, M L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. 2 ed. São Paulo: Phorte, 2008.

SÃO PAULO. **Orientações Curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Educação Física**. São Paulo: SME/DOT, 2007.